



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARIA APARECIDA DIAS**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-820

**Entrevistada:** Maria Aparecida Dias

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Natal-RN

**Entrevistadora:** Bruna Priscila Leonizio Lopes

**Data da entrevista:** 20/07/2017

**Transcrição:** Bruna Priscila Leonizio Lopes

**Copidesque:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Pesquisa:** Bruna Priscila Leonizio Lopes e Mayara Cristina Mendes Maia

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 36 minutos e 15 segundos

**Páginas Digitadas:** 8

### Observações:

Entrevista realizada para a produção Do E-book *Esporte da Escola: experiências na formação continuada e em serviço*, organizado por Silvana Vilodre Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no Programa Segundo Tempo; Participação no Programa Esporte da Escola; Ministério do Esporte e Ministério da Educação; Equipe Pedagógica do Programa Segundo Tempo; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Experiência na formação de agentes sociais; Avaliação do Esporte da Escola.

Natal, 20 de julho de 2017. Entrevista com Maria Aparecida Dias a cargo da pesquisadora Bruna Priscila Leonizio Lopes para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.L. – Olá, professora Cida, você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

M.D. - Sim. Meu envolvimento com o Esporte da Escola se deu em função efetivamente como a maioria das pessoas que se envolveram com o Esporte da Escola, que já faziam parte das Equipes Colaboradoras do Programa Segundo Tempo. Então, desde 2009 eu fazia parte da Equipe Colaboradora 03, aqui do Rio Grande do Norte, onde a gente atendia os Estados, no primeiro momento, aqui do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará. Em alguns momentos quando nós éramos convidados, mas efetivamente Paraíba e Rio Grande do Norte; a partir daí, se eu não me engano, em 2012, 2014, mais ou menos, foi efetivado o processo das Equipes Colaboradoras trabalharem no Esporte da Escola. E desde o início do lançamento dessa proposta do Esporte da Escola que a Equipe Colaboradora 03 foi trabalhando, foi quando a gente foi para o Brasil inteiro fazer esse trabalho do Esporte da Escola.

B.L. – Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

M.D. - Bom, eu participava como representante da Equipe Colaboradora formadora. Nessa Equipe Colaboradora em determinado momento, eu trabalhava como membro da Equipe e, logo que começou o Esporte da Escola em 2014, eu fui para a vice-coordenação da Equipe, sendo coordenada pelo professor José Pereira de Melo.

B.L. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.D. - Eu participei de todos os processos de capacitação que aconteceram para o Esporte da Escola. Se eu não me engano, o primeiro que nós fizemos foi na UFRGS<sup>1</sup>, o segundo e o terceiro foram em Brasília num hotel onde todo mundo ficou hospedado. Efetivamente o

que eu posso dizer é que o primeiro teve a preocupação de dialogar com todos os membros das Equipes Colaboradoras sobre a proposta do Esporte da Escola. Então, os livros ainda estavam brancos, eram livros que ainda estavam sendo construídos. Foi entregue para gente algum tempo antes e nesse encontro presencial a gente foi viver algumas experiências de cada prática, de cada caderno: o um, o dois, o três e o quatro. E lá discutíamos para ver os prós e os contras da proposta. Já no segundo e terceiro encontro a proposta estava consolidada e a gente viveu outras experiências e já fazendo alguns relatos das nossas experiências nos cursos que já estavam começando em cada local de atuação da gente. Pontos positivos dessas experiências: o próprio material didático. Eu compreendo que ele é muito rico, acho que ele poderia ter sido mais socializado, mas a gente compreende que em determinados momentos, o grupo tem que dar uma resposta rápida ao Ministério do Esporte e para construção desse material, não era possível demorar muito. Acho que algumas Equipes Colaboradoras poderiam ter sido mais ouvidas, entendo que houve um recorte mais específico de quem estava próximo da formação, mas é alguma coisa da gente pensar no futuro e as práticas, de modo geral, eram bastante exitosas com professores que já tinham uma super experiência na área e que já conheciam bastante profundamente os pressupostos social do Programa Segundo Tempo, que foram evidentemente encaminhados para o Esporte da Escola. A lógica do Esporte da Escola é uma lógica pedagógica que é muito interessante. Ele quebra esse paradigma que a gente tem que iniciar por aspectos técnicos, coisa que efetivamente a gente faz na própria formação em Educação Física ainda com alguns olhares que permeiam sobre isso. E quando a gente vai para a escola com os nossos alunos na formação inicial, a gente ainda verifica essa ideia. Então, ele vem quebrar esse paradigma e é uma proposta que traz um olhar mais inclusivo para as práticas corporais para que, de fato, todo mundo possa vivenciá-las.

B.L. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.D. - Muitas visitas, inúmeras visitas em vários lugares do Brasil. E assim, a questão trata bem de como a gente fazia essa avaliação. Efetivamente, a nossa orientação era que a gente observasse toda a manhã ou tarde dos professores que estavam atuando e depois disso,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

após o trabalho dos professores a gente sentasse para o preenchimento do questionário. A minha experiência é que eu assistia as aulas e depois sentávamos para que eles pudessem preencher de acordo com cada questão. E naquele momento, era o momento em que eu poderia fazer algumas intervenções junto a esses professores no que diz respeito à proposta do Esporte da Escola, porque algumas vezes a gente via que por mais que eles estivessem com o material pedagógico do Esporte da Escola, eles mantinham a mesma ação pedagógica que eles faziam na aula de Educação Física ou enfim, como eles trabalhavam no próprio Programa Segundo Tempo. Em alguns casos, alguns monitores em algumas cidades mais distantes não eram da área da Educação Física, isso nós conseguíamos observar. Alguns monitores não tinham formação de nível superior ou pelo menos não estavam cursando o ensino superior na área de Educação Física; eram pessoas que tinham concluído o Ensino Médio e, obviamente, que tinham umas dificuldades para entender a proposta. Era nesse momento do preenchimento do questionário que a gente fazia essas intervenções e colaborava de alguma maneira para que eles pudessem revisar o material pedagógico.

B.L. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

M.D. - Como eu fui a todas capacitações, muitos cursos de extensão e muitas avaliações... Capacitações mais significativas... Que me marcou mais significativamente eu, como aluna da capacitação, ou seja, pela Equipe Pedagógica que estava sendo dada e aí mais os colegas professores das outras universidades que eram responsáveis... Eu diria que a que mais me marcou foi a primeira, por quê? Porque a primeira a gente discutiu mais sobre as questões; segundo, tinha uma proposta nova que fez com que a gente refletisse a prática da Educação Física na escola de modo geral. Tanto é que vários cursos que a gente deu pelo Brasil, muitas pessoas que não eram monitoras, nem atuavam no Programa Esporte da Escola, procuravam. As prefeituras liberavam os professores e era um sucesso a vinda dos professores que não atuavam no Esporte da Escola, mas que aquele curso ajudou para que eles modificassem a atuação deles nas escolas, enquanto professores de Educação Física escolar. Então, a primeira foi a que mais me marcou por conta da proposta nova. A gente estava com uma coisa nova pela frente que a gente ia ter que passar para o Brasil inteiro, mas antes disso, a gente tinha que compreender o processo, então, essa foi a que mais me

marcou. Um curso que marcou muito para nós, em relação a nossa atuação? Foram muitos porque sempre houve uma participação muito grande das pessoas. Acho que um deles foi em João Pessoa, porque a gente teve um quantitativo de mais de 150 pessoas entre professores e monitores. Outro foi que nós tivemos 200, acho que 400: dois grupos de 200 que nós tivemos em Patos, na Paraíba que também foi muito interessante. E o último que foi para gente muito significativo, foi o de Mossoró, uma cidade aqui no Rio Grande do Norte, onde nós tivemos um acidente automobilístico envolvendo toda a equipe, e tivemos que passar uma semana dando curso para mais de 300 professores. Eu lembro que no primeiro dia foi muito difícil, mas no final a gente saiu muito feliz porque foi um sucesso de respostas positivas das pessoas que estavam lá e foi um sucesso porque a gente conseguiu sobreviver ao processo, que foi um processo bem difícil.

B.L. – Qual é a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

M.D. - Eu sempre achei muito interessante essa ideia de você ter no primeiro momento o envolvimento da EaD<sup>2</sup> para as pessoas terem acesso ao material. Obviamente não conseguia atingir todo mundo mas muitas vezes quando, nós chegávamos já para fazer o trabalho mais prático ou então fazendo essas discussões, as pessoas já tinham visitado o material, já tinham feito o curso desenvolvido pela EaD. Então, eles não chegavam assim “crus”, como muitas vezes acontecia quando a gente fazia capacitações do Programa Segundo Tempo. Eu acho que o Esporte da Escola, por ter a EaD anterior ao encontro presencial, ele foi muito significativo em relação a isso. E como também, em alguns momentos, a gente foi até lá e as pessoas não tinham esse envolvimento e depois disso, a gente falando sobre o curso, a resposta para o curso foi muito interessante para a EaD, então, foram os dois momentos. Eu acho o curso do Esporte da Escola muito mais interessante do que a capacitação que nós fazíamos no PST, muito mais, infinitamente. Não só do material pedagógico. Os vídeos, o livro em si, as propostas muito mais dinâmicas e acho que, pelo menos a equipe que eu fazia parte, compreendeu exatamente isso. Era muito prazeroso dar esses cursos, muito prazeroso. É uma experiência que lamento por conta do que politicamente a gente está vivendo, no último ano que depois a gente vai falar melhor sobre isso.

B.L. – Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

M.D. - Pontos positivos: pessoas que falavam que essa lógica pedagógica, era uma lógica muito interessante e inclusiva, que fez com que professores e pessoas que trabalhavam com o Esporte da Escola ou não, que eram professores da Educação Física escolar nas escolas públicas em várias cidades e Estados que a gente foi, fez com que eles repensassem sua prática pedagógica, então, eu acho isso um ponto muito positivo. Até hoje eu uso com o PIBID<sup>3</sup>, como coordenadora do PIBID aqui da minha instituição, na Educação Física, é um material didático que a gente usa para que os alunos de iniciação à docência possam estar utilizando junto com seus supervisores nas seis escolas que a gente atua. Ainda vejo como um material riquíssimo, por mais que a gente tenha autores significativos na área da Educação Física escolar, mas entendo que esse caminho que foi dado pelo Esporte da Escola, ele traz grandes benefícios, em termos positivos. E não sei se a gente tem algum ponto negativo. Talvez alguns arranjos de material que em alguns lugares não é possível, mas em contrapartida, o próprio material pedagógico que está exposto lá no caderno, ele propõe que você crie alternativas, que você possa criar alternativas de utilização e construção de materiais, então, eu acho assim, que de um modo geral tem mais pontos positivos do que negativos. Sabemos que alguns vetores epistemológicos talvez não consigam dialogar muito bem, mas na prática pedagógica dos professores, ele tem um resultado muito interessante, a gente tem visto isso.

B.L. – Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

M.D. - Uma limitação foi em alguns momentos a gente não ter um público que pudesse ter um diálogo mais aprofundado, mas em contrapartida a essa nossa realidade, a gente tinha que criar estratégias metodológicas nas formações e propostas pedagógicas que fossem compreendidas por todos que estavam ali. Dificuldades encontradas também na questão da logística: em algumas cidades era muito complicado da gente fazer o trabalho, mas também tínhamos que fazer nossos ajustes porque muitas dessas pessoas trabalhavam

---

<sup>2</sup> Educação à Distância.

<sup>3</sup> Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência.



também em lugares complicados, então assim, em alguns lugares tinha uma estrutura de um ginásio maravilhoso que a gente podia estar trabalhando por mais que nós levássemos os materiais. E outros lugares que a gente tinha um espaço muito pequeno com uma quantidade de gente muito grande e era o que a cidade podia oferecer. De qualquer maneira, eu entendo que são dificuldades, são limitações, mas que provocava na Equipe Colaboradora ajustes e organizações pedagógicas que a gente não tinha noção se éramos capazes ou não. E dava certo, a gente conseguia fazer, então, para a gente também foi um grande aprendizado. Eu vejo limitações e dificuldades que colaboraram muito para nossa aprendizagem de reconhecimento do tamanho do país que a gente vive, de reconhecimento das diferenças que estão aí no nosso país, de reconhecimento de que se você é um professor de Educação Física ou professora de Educação Física e a tua aula não pode deixar de acontecer porque você não tem o espaço ideal ou as condições ideais, você tem que fazer e, obviamente, que buscar sempre a possibilidade de ter as condições ideais e espaços ideais, mas isso não poderia ser impedimento, e a gente aprendeu muito com isso. Não houve nenhum momento, desde uma condição maravilhosa e uma condição precária que a gente não tivesse efetivamente cumprido a nossa proposta pedagógica naquelas capacitações, e isso me gerou muitas aprendizagens, inclusive como professora formadora aqui na universidade.

B.L. – Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

M.D. - Sim. Eu acho que o Esporte da Escola cumpriu o papel de inclusão social em duas vertentes ou em dois vieses, o primeiro deles é de possibilitar que as pessoas que estavam ali, trabalhando, independentemente de ter uma formação, uma graduação em Educação Física, tivessem acesso de como trabalhar nos seus locais com o Esporte da Escola, pensando no Mais Educação como pressuposto. E aí essa inclusão se faz assim, primeiro já dizendo que você mesmo não tendo a formação em Educação Física, você poderia ser monitor, então, eu entendo que isso já é uma inclusão social por mais dificuldades que possam aparecer. Não faço parte daquele grupo que entendia que somente alunos de Educação Física ou professor de Educação Física poderia atuar no Mais Educação. Acho que nosso país ainda não estava pronto para isso como ainda não está. Obviamente que seria uma tendência. Eu ouvi vários depoimentos de jovens do Mais Educação que estavam fazendo a capacitação e trabalhando com o Esporte da Escola que no final da capacitação

diziam assim: “Agora, eu já sei qual profissão eu quero ter. Eu quero ser professor de Educação Física”. Então, eu entendo isso como inclusão social, entendo isso como uma valorização e uma divulgação do que é ser um professor de Educação Física na perspectiva da licenciatura. Isso é uma coisa que eu vivenciei como agente desse processo, e acho que já respondo um pouco a questão do “Por quê?”. Obviamente a outra ponta que eram as crianças e adolescentes que tinham acesso a isso. Se eu tenho uma perspectiva inclusiva na prática, ou seja, alguma coisa voltada para que todos possam fazer, independentemente de ter uma deficiência, independentemente de ter talento esportivo ou não, obviamente que isso gera uma inclusão social numa perspectiva de trabalho de grupo, de uma perspectiva de saúde, de uma perspectiva de lazer, de uma perspectiva de diminuir os riscos das comunidades em que essas crianças e jovens viviam. Eu acho que o Esporte da Escola é um programa efetivamente sensacional. Obviamente que a gente sabe também que muitas vezes não conseguia atingir 100% do processo, porque nós estamos falando de gente, e onde tem gente você não atinge 100% porque existem as necessidades dessas pessoas que você não consegue atingir. Mas acho que houve um esforço muito grande para isso, coisa que o próprio Programa Segundo tempo não conseguia dar conta. Acho que o Programa Segundo Tempo tem um nicho específico e quando chega no Esporte da Escola, esse nicho é ampliado de uma forma muito mais inclusiva do que a própria proposta do Programa Segundo Tempo, esse é o meu olhar.

B.L. – Professora Cida, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

M.D. - Só queria que voltasse o Esporte da Escola. Só queria que voltasse o Programa Segundo Tempo, mas com o olhar que nós tínhamos quando a gente vivia o Programa Segundo Tempo sobre uma perspectiva de um Governo Federal Inclusivo. Eu não sei como não só o Esporte da Escola como o Programa Segundo Tempo podem se efetivar num país onde não há um olhar inclusivo, não há uma proposta de programa político inclusivo, muito pelo contrário: propostas que estão aí, como a proposta da Reforma do Ensino Médio, propostas que estão aí, como a proposta da Reforma da Previdência, a Reforma Trabalhista, eliminação da CLT<sup>4</sup>... Obviamente que um governo como esse não vai de forma nenhuma beneficiar nenhum tipo de programa onde exista possibilidade de

expressão das pessoas envolvidas neles. Então, assim, o que eu gostaria que nós pudéssemos ter passado esse tormento que nós estamos vivendo e algumas situações... Não que não fossem perfeitas, porque não eram perfeitas e nada que tem gente é perfeito; é sempre a gente tentando renovar, a gente tentando refazer, tentando refletir sobre o que está sendo feito e modificar quando for necessário, mas a gente não tem mais essa oportunidade. Tenho muito orgulho de ter participado desse processo, tenho muito amigos dentro desse processo. Acho que a gente contribuiu muito enquanto Equipe Colaboradora aqui do Rio Grande do Norte. Tomara que as coisas possam voltar, não sei se para os seus devidos lugares, mas para os lugares onde um projeto social tinha seu valor significativo, e isso só é possível com uma gestão inclusiva e com essa gestão que a gente está vivendo, tudo fica muito difícil. Parabenizar a vocês que estão tentando fazer esse resgate histórico, devem ter muitas histórias boas contadas por todo mundo. Gostaria de dizer que a gente está aí para contribuir com tudo que for absolutamente necessário.

B.L. – Obrigada por sua contribuição, professora Cida!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>4</sup> Consolidação das Leis de Trabalho.